**MESSIANISMO**

Interessante como este curso atualiza os nossos conhecimentos, às vezes provocando até rupturas com visões e percepções que tínhamos antes. Sempre havia entendido o messianismo que aparece no Antigo Testamento como uma expectativa da chegada de um libertador político divulgada pelos profetas que necessariamente nos remeteria à vinda de Jesus. Pela aula que tivemos *Profetismo em Judá*, pude mudar minha concepção. Trata-se de um fenômeno político-religioso muito mais amplo, com raízes certamente fora do contexto propriamente judaico, e que se refletiu nos escritos de alguns profetas.

No Antigo Testamento, o termo *mashiach* (ungido) se refere basicamente a um agente investido com uma função social específica. A unção com óleo separava socialmente um determinado indivíduo para o desempenho de uma tarefa especial, em caráter permanente ou temporário. Em um primeiro momento, o processo de unção era administrado aos reis – uma prática possivelmente herdada das civilizações cananeia e hitita –, mais tarde, aos sacerdotes e outros oficiais da religião. O termo não aparece na Torá. Seu uso é significativo nos livros históricos, em alguns salmos e em textos proféticos. A concepção de unção remonta a ideias comuns sobre a monarquia no antigo Oriente Próximo, e a relação entre esses conceitos e os desenvolvimentos posteriores no messianismo tem sido abordada por diversos estudiosos, como vimos em aula (*O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência*, de Rodrigo F. de Souza, REVISTA USP, São Paulo, n.82, p. 8-15, junho/agosto 2009).

O conteúdo da esperança futura descrita por Mowinckel, no seu livro *The Messiah Concept in the Old Testament and Later Judaism*, forma a base da escatologia e do messianismo judaicos, e aparece inicialmente conectado à restauração da dinastia de Davi. Isso ocorre, segundo Rodrigo F. de Souza, porque o ideal messiânico, como tal, só passa a se desenvolver em Israel com o fim da monarquia. A tese de Mowinckel é, pois, composta por duas afirmações básicas. Em primeiro lugar, ele afirma que as concepções de monarquia na antiga ideologia real e no messianismo são idênticas em linhas gerais. Em segundo lugar, os textos bíblicos que informam a expectativa messiânica propriamente dita datam do período pós-exílico, quando a monarquia israelita não mais existia. A expectativa messiânica faria sentido apenas à luz da esperança de uma restauração da nação.

Isaías, em especial o Livro de Emanuel e o Deutero-Isaías, foi pródigo nas suas referências ao Messias. Há de se fazer uma releitura destes textos. A perspectiva libertadora se pronuncia fortemente através dessas possíveis e necessárias releituras. Nessa nova visão, a interpretação e análise textual se aproximam mais da realidade de onde o texto foi construído, a realidade imediata da profecia, numa sociedade em que o Reino de Deus era visto mais no sentido da justiça social e dos direitos aos fracos.

Considero que essa linha apresenta um panorama básico, bem menos ‘fantasioso’ a respeito da mensagem de Isaías. Ao ler diferentes posições, refletir a respeito do que foi apresentado em aula e pesquisar em outros textos, podemos concluir que o que se deve buscar, em primeira instância, é um entendimento o mais próximo possível do que foi recebido pelos ouvintes originais, dentro de seu contexto e com suas expectativas, a fim de não interpretarmos os fatos de maneira invertida, crendo que uma situação futura determina o passado, ou acrescentando fatos antes inexistentes no decorrer do processo. E aqui está a atualidade do profeta Isaías. Muito mais que prever a vinda de Jesus, ela nos oferece uma mensagem de denúncia das situações degradantes para o ser humano decorrente das junções econômicas, sociais e políticas contemporâneas.

O Messias, ou a expectativa messiânica, surge para legitimar um ideal de sociedade que, de um modo geral, se encontra sob o predomínio da injustiça social, violência, instabilidade e a falta de encantamento pela vida, como vimos em aula. Enfim, uma série de situações que abrem espaço para o aparecimento deste movimento, que na sua origem tem por finalidade evocar a esperança em um novo tempo, como afirmou a professora em aula. A vida de Isaías muito nos ensina nesse sentido. Ele provém de Jerusalém, a capital de Judá. Parece ter sido sua origem no ambiente do palácio, nas cercanias do templo, pois tem acesso ao santuário e ao pessoal da corte. Nesse ambiente deve ter iniciado suas profecias. Mas desse ambiente veio a se afastar cada vez mais, afirmando que aí olhos, ouvidos e corações estavam fechados e endurecidos (Is 6,9-10). Caiu em descrédito na corte. Terá encontrado abrigo entre os órfãos e as viúvas, entre os pobres da cidade, como afirma Milton Schwantes. A tradição rabínica e textos apócrifos afirmam que foi condenado pelo rei Manassés e teve morte cruel e sangrenta.

Para Isaías, o verdadeiro Davi já não é mais aquele que, no momento, ocupa o trono de Jerusalém, mas aquele que há de vir, em profunda fraqueza, fragilidade de criança (9,6; 11, 1-10), em radical dedicação à justiça (9,6-7; 11,4-5). Esta resignificação das tradições de Sião e de Davi, tão enraizadas em Jerusalém, se assemelha, em muito, à crítica às estruturas, promovida pelos demais profetas do 8º século (Schwantes). No texto de Isaías, há uma releitura do messianismo à luz do “Livro do Imanuel”. Podemos observar que Isaías é sensível aos menos favorecidos, gerando a esperança no coração da população marginalizada pela elite de Jerusalém. A esperança anunciada pelo profeta inclui a superação do davidismo militar pelo davidismo belemita, que se torna presente no governo de um frágil menino (9,5). A perícope de 7,10-17 aponta para o fim da “casa de Davi” e a de 9,1-6, para um messianismo que ressignifica Davi, desvinculando-o do monarca, para anunciá-lo como um líder carismático, que carrega as características de uma pessoa frágil como uma criança (9,5), intensamente dedicado à justiça e ao direito (9,6) e conduzido pelo espírito de Javé (11,2).

A identificação de Jesus com o Messias feita nos textos do Novo Testamento se refere, na verdade, a uma apropriação desta expectativa realizada pelas primeiras comunidades cristãs. O nome “Cristo” é o equivalente em grego da palavra “Messias”, assim, o nome Jesus Cristo significa “Jesus, o Messias” ou “Jesus, o Ungido”. Os profetas do AT, neste quesito, não levavam esta expectativa tão longe no tempo. A esperança de uma restauração, mesmo não datada, estaria mais próxima. E é bom lembrar que vários outros, antes e depois de Jesus, tomaram para si a realização dessa expectativa ou ela lhe foi atribuída pelos seus seguidores.